

# A ILLUSTRAÇÃO LUSO-BRAZILEIRA.



LISBOA: — Anno . . . . . 4\$000 réis.

Numero pago á entrega. \$090

N.º 35 — VOL. III.

Sabbado 3 de Setembro de 1859.

PROVINCIAS: — FRANCO — Anno . . . . . 4\$300

Ultramar e estrangeiro (moeda forte) . . . 5\$000

## Summary.

ANTIGOS: — Historia da actualidade — Cataractas do Felou — Últimos momentos da Rainha D. Estephania — Quadras historicas, continuação — Personagens historicas, continuação — Os dois bakales, continuação — O amor e o dever — O canto da sultana.  
GRAVURAS — Estatuas de Gutenberg e Rubens — Baixo relevo de Rubens.

## Historia da actualidade.

Principiam as reformas das repartições publicas, publicando-se já o decreto que organisa o tribunal de contas.

— Crearam-se inspecções geraes nos diversos districtos do reino, para examinarem o estado e andamento das obras publicas.

— Na freguezia do Machico, no Funchal, appareceram alguns casos de molestia no gado, sendo porém poucos os fataes.

— Na cidade do Funchal existiam em criação por conta da respectiva camara, em Maio do corrente anno, oitocentos

e noventa e cinco expostos, a cujas amas devia a mesma camara a quantia de vinte e cinco contos e trezentos e vinte e um mil duzentos noventa e cinco réis.

— Na freguezia de Ponta Delgada calcula-se a produção do vinho sómente em cento e vinte barris, e já se tem chegado a offerer por cada um a quantia de oito mil rs.

— As laranjeiras e cafeeiros no districto da ilha da Madeira vão sendo atacados da mesma molestia que destruiu as vinhas.

— Está-se formando, sob a presidencia de sua alteza real o duque do Porto, uma companhia para carreiras mensaes de barcos a vapor entre Portugal e Brazil, sob bandeira portugueza. Esta companhia denomi-

nar-se-ha *Anglo-luso-brazileira*, sendo o serviço feito por tres barcos a vapor de helice.

— No dia 25 do mez passado rebentou em Vinhaes uma horrorosa trovoada que flagellou a villa e povoações visinhas.

— Falleceu na Turquia o principe Vogerides, que contava noventa annos de idade. Em 1798 foi secretario e interprete de Khosre-pachá, que commandava o exercito enviado ao Egypto contra Bonaparte. Pelos seus muitos serviços tinha recebido em recompensa o principado de Samos.

— O general Fanti aceitou o commando em chefe do exercito das provincias da Italia central.

— Em 9 de Junho inaugurou-se pelo shah da Persia o telegrapho electrico, que parte do campo real de Sultania á capital do imperio.

— As ultimas noticias dão umas por combinados entre os plenipotenciarios de Zurich os negocios da Lombardia, ao passo que outras affirmam que por falta de accordo, ainda nas questões mais secundarias, se vão suspender as conferencias. Verificando-se esta segunda noticia tratar-se-ha en-

tão de um congresso, ao que a França annue, mas a Austria oppõe-se.

— Recceia-se um ataque a Bolonha pelas tropas pontificias combinadas com as do duque de Modena, que já tem reunidos sete mil homens.

— Restaurou-se a igreja de Penha-verde, em Cintra, e que pertencera á extincta ordem dos Jeronymos, sendo já no mez passado aberta ao culto, á custa do senhor Thomaz Maria Bessone.

— Houve desordens na ilha de Jamaica, em que morreram algumas pessoas, e foram presas sessenta.

— Na Syria ha receios de que a guerra civil que ahí rebentou dê lugar a grandes prejuizos aos europeus, motivo porque estes fugiam para as cidades populosas.

— Em Constantinopola formou-se uma commissão para diminuir os direitos de exportação em todos os generos, augmentando-se os da importação.

— A guarda nacional de Milão é composta de doze mil homens.

— Os soldados suissos que estavam em Napoles estão sendo alistados pelo governo pontificio.

— Arma-se a nau *Vasco da Gama* para ir estacionar no Brazil.

— A corveta *Estephania* quando regressar da Madeira vae ao Porto buscar o regimento n.º 8 que irá de guarnição para os Açores.

— A Porta Ottomana apoia a idéa da abertura do isthmo de Suez, unicamente como empresa commercial e industrial.



Cataractas do Felou.

## Cataractas do Felou.

Não vae longe ainda a epoca em que esta região era quasi que desconhecida, pois só data das ultimas explorações o pouco que a seu respeito se tem escripto. Estas cata-



ractas, cuja vista fielmente representa a nossa estampa, marcam o limite da navegação do Senegal.

Na exposição de Paris já ahi figuraram amostras de productos d'esta região, e de muita importancia, especialmente para a minerologia. Os governos que estabeleceram estas exposições, tanto lhes conheceram as vantagens, que mesmo nas suas colonias as tem organizado: e em França se ordenou especialmente uma annual em Argel, como fomento das industrias colonias. A esta exposição concorreram o anno passado do Senegal muitos productos, e entre elles amostras de ouro, em que são abundantes as margens do dito rio, especialmente na provincia de Dambagnagney, que fica assentada mui perto das referidas cataractas.

#### Ultimos momentos da rainha D. Estephania.

Le souvenir, présent cèleste,  
Ombre des biens que l'on n'a plus,  
Est encore un plaisir qui reste  
Après tous ceux qu'on a perdus.  
SCHILLER.

Lamentando com um poeta grego, e com um dos nossos melhores versificadores modernos a brevidade de certas existencias (1); e recordando, por occasião da perda de uma joven Rainha que os fados apenas mostraram a Portugal para lhe causar saudades, a, já por mim citada n'outro logar, e elegantissima, locução com que o nosso maior orador (2) paraphraseando a allegoria do Cavallo Verde em que na visão enigmatica de Ezechiel se figurou a morte prematura, disse: *veste-se este animal indomito da cor dos annos que corta, arree-se das esperanças que pisa, pinta-se das primaveras que atropella*: como, todavia, pode haver quem julgue, como um facundo prelado fallando da bella morte de um rei santo (3), que a da virtuosa princeza a que alludi foi um successo que, suspendendo os olhos, só dá materia a reflexões a que todos respondem que ella está no ceo, começarei por observar com dois grandes doutores que os mortos resuscitam nos panegyricos que d'elles fazem os vivos (4), notando tambem com o celebre poeta, cujos lindos versos tomci por epigraphe, e com alguns grandes genios da antiguidade a quem a passagem da vida para a immortalidade inspirou os mais sublimes pensamentos, que a lembrança das pessoas illustres por meritos nas quaes a dura parca executa os golpes é um grande desafio, allivio, e consolo (5). Taes são os sentimentos que, um anno depois de eu ter traçado a physionomia local do berço da Rainha D. Estephania, me excitaram a fazer, com pasmo, a recordação do seu admiravel e triste passamento quando, pelo curso natural, a sua vida tão cheia e tão curta deveria prolongar-se muito além da minha; impellido-

- (1) Troxos armatos garbia  
Biotos trexei Culistheis.  
Anacr. Od. 4.

A vida roda e vóo como um carro rapido.  
N'este mundo mortal que ora habito  
Vejo tudo acabar em curta idade;  
Não podendo alcançar outra verdade,  
Qu'a existencia d'um bem d'um mal finito.  
Eipino Duriense.

- (2) Padre Antonio Vieira.

- (3) O cardeal de Betz no sermão de S. Luiz rei de França.

- (4) Videtur mortuus in oratione reviviscere.  
Div. Ambr. de Obi. Imp. Valent.

Si laudandos tradas abstulisti dormientibus decen-  
ter interitum.

- D. Joh. Chry. in E. ad Imp. Dom.

- (5) Demosthenes, 1 Olyn.

Non vita hæc dicenda est, que spiritu, et corpore  
continetur, illa in quam, illa est vita, que viget memo-  
ria seculorum omnium, quam posteritas alit, quam ipsa  
æternitas semper intuetur.

Cicero pro M.

Exultat animus magnorum virorum memoriam per-  
lustrans.

Val. Maz. Lib. 1v.

me bem assim a tirar com mão tremula um simples desenho d'esta tocante e terrivel scena, que se passou não longe de mim, as tão sinceras quão vivas e energicas demonstrações de publica dôr que, n'um tempo tão pouco sentimental, ou tão pouco sensível, como o presente, se deram em todas as partes do reino onde voou a noticia alada de tão fatal e inesperado evento. A escura nuvem com que elle cobriu todos os corações, n'este como n'outros casos luctuosos, unidos n'um só, dos portuguezes, aliás divididos em tantas opiniões e parcialidades, provando o desapparecimento do espirito de partido á vista de um tumulo, e a condolencia e bom senso natural da nossa gente na face de uma desgraça, da egualmente a justa medida das brilhantes qualidades do entendimento e do peito singelo d'aquella tão chorada Rainha, cuja elevação d'alma e justeza de juizo, juntas a uma grande polidez e delicadeza em que consiste o hoje mui raro dom de agradar dignamente, eram realçadas por um grande desejo d'acertar que n'este mundo é a coisa mais destra, e por uma formosura branda e graciosa, que, acompanhada de tão singulares dotes e prendas, se insinuava prompta e docemente no bem formado coração de seu esposo, fazendo tudo isto, junto com a sua ardente, enghosa (1) e modesta caridade, que ella fosse um dos principaes objectos da affeição, da veneração, e das esperanças dos portuguezes, servindo de assumpto de tantas orações verdadeiramente funebres que, não só nos templos e na imprensa periodica, mas nos proprios lares, se tem feito em sua honra.

Tendo esta quarta e excellente Rainha que a Alemanha deu a Portugal passado quatorze mezes no seio da sua familia adoptiva, que a adorava e de quem era ternamente amada como se se conhecessem ha muitos annos, delectando-se ella tambem, como se aqui houvera nascido, na doçura e suavidade do nosso clima, na grandeza e belleza do nosso Tejo que lhe recordava o seu patrio Rheno, e nos horisontes pittorescos e alegres que da nossa montuosa Lisboa se alcançam com a vista, e que lhe despertavam a lembrança dos ainda mais extensos e variados que se descobrem do alto da montanha historica junto á qual ella nascera, e que deu o appellido á sua familia, recreava-se não menos com a contemplação dos grandes edificios que dentro e fora d'esta capital symbolisam as diversas epochas da nossa monarchia, alguns dos quaes são tambem monumentos da nossa gloria, comprazendo-se ainda mais, pelo amor que ia tendo ás nossas coisas, em examinar os nossos estabelecimentos pios, não havendo um só que não participasse da extremada generosidade, que, como sei, a acompanhou até ás portas da morte (2). Mui poucos dias antes de cair doente foi ella visitar o asylo da Ajuda, onde, segundo a testificação, já publicada, de uma illustre personagem, o *carinho com que tratou as creanças, o interesse que mostrou pelo aproveitamento d'ellas nos estudos, a diligencia com que se informou das necessidades da casa, e o gosto que sentiu de se lhe terem adivinhado os pensamentos em alguns arranjos que ella desejava que se fizessem, esta união do querer com o saber e da intelligencia com a bondade encheu de respeito e de reconhecimento todas as pessoas presentes áquelle acto*. Mal podia então ocorrer a alguém que este anjo tutelar do infortunio, em cujo rosto respirava o viço da mocidade, e da belleza, que esta alma tão activa, tão energica e tão fecunda, nos havia de ser em breve arrebatada pela dura sorte. Não é, porém, menos certo que não está na alçada e poder dos homens revogar os decretos inalteraveis da Providencia.

Nenhum symptoma assustador, nenhum prognostico funesto revelou alteração sensível da saúde da Rainha até 8 de Julho proximo findo em que os facultativos viram n'ella signaes de uma *angina diaphtherica, ou membranosa*, que, apresentando a principio uma forma benigna, tomou depois um caracter grave. Mas, bem que os progressos que

- (1) Res est ingeniosa dare.

Ovid. Eleg. Lib. 2.

(2) Ainda no dia dos seus annos, vinte e cinco horas antes da sua morte, mandou a boa Rainha generosos presentes a diversos estabelecimentos de caridade d'esta corte.

desde então fez a molestia fossem mui rapidos, ainda na manhã de 16 d'aquelle mez em que a augusta doente, parecendo receber do ceo os parabens do dia do seu nascimento, sentiu alguma melhora, não tinham os professores assistentes perdido de todo a esperança de salva-la. Só na tarde d'esse dia é que, engravescendo o mal, a piedosa princeza, desconfiando, como os que tratavam d'ella, de que os remedios humanos já não tinham vez, recorreu ao Medico Eterno, cujos auxilios são sempre poderosos e efficazes. Pedindo logo e recebendo ás seis horas da tarde os Sacramentos da Penitencia e da Eucharistia com a maior compunção e fervor, teve tambem, pouco depois, a consolação de ver junto ao seu leito de dôres a Imperatriz viuva do immortal Duque de Bragança, a qual ella contemplava mais como mãe do que como avó, e que, empenhando todas as suas forças physicas e moraes, saiu do retro em que ha mais de tres annos a pozeram os seus padecimentos, filhos de tantas e tão prematuras mortes, para, com a admiravel fortaleza e constancia que a caracterisam, vir applicar um conforto balsamico ao terceiro golpe da desgraça a que n'este quarto de seculo acudiu n'aquelle mesmo paço das Necessidades.

Logo que a Imperatriz tomou assento junto ao leito da Rainha, recommendou-lhe esta mui cordalmente El-Rei seu idolatrado esposo com quem lhe asseverou que tinha sido felicissima; pedindo-lhe que referisse isto mesmo a sua mãe, e que implorasse as graças celestes em seu favor, trazendo-se-lhe n'este comenos um remedio, e mostrando ella alguma repugnancia em tomal-o pela dificuldade que tinha em engulir, pediu-lhe a Imperatriz que fizesse aquelle sacrificio á sciencia, ao que a Rainha, tão prona á razão, promptamente annui. Passava-se isto na camara real, onde, além d'aquellas duas altas personagens, estavam a duqueza camareira-mór, as damas camaristas, o confessor da Rainha, e o seu secretario, antigo criado de seu pae; e, n'uma das salas immediatas, via-se o não menos pathetico e impressivo espectáculo do Monarcha (que tambem no sentimento causado por aquella calamidade domestica e publica era o symbolo sagrado da nação) por extremo consternado, e, como quem já não tinha animo para fitar continuamente os olhos no quasi morto objecto do seu amor conjugal, desfogando a sua magoa, ora com trocar, desfeito em pranto, doridos ais com os outros membros da sua familia ali presentes e similhantemente inconsolaveis e faltos de forças para seguirem com a vista todas as phases d'aquelle trance, ora com abraçar, tambem derramando copiosas lagrimas, alguns fieis servidores que tinham curado da sua educação desde os seus mais tenros annos. Na sala das recepções ordinarias estavam as damas honorarias, os officiaes-móres, os gentis-homens da camara, os viadores, os ministros, os conselheiros d'estado e outros grandes funcionarios, aguardando, entre temor e esperança que é a ultima coisa que se perde, as noticias que de quando em quando ali chegavam. Finalmente, nas duas salas que se seguem á dos archieiros, estavam sempre entrando innumeradas pessoas de todas as classes que, com visível interesse, vinham informar-se do estado da Rainha, pela qual se começavam a fazer ferventes e mui frequentadas preces em todas as igrejas. Eram pouco mais de oito horas quando ella, sentindo-se peor, se despediu da familia real, como quem deixava o mundo e não a vida, dando um ternissimo e mui expressivo abraço a seu amante esposo, cujo espirito ficou de todo em todo quebrantado n'este ultimo adeus; encarregando ella a senhora infanta D. Antonia de um carinhoso recado para a senhora infanta D. Maria Anna.

A's dez horas e meia atravessava, paramentado de róxo, aquellas salas, um anno antes tão alegres, o conego thesoureiro-mór da capella real, levando á atribulada Rainha a Extrema-Unção com que a igreja prepara os seus filhos para entrarem no grande combate. Posteriormente á administração d'este derradeiro Sacramento (que ella recebeu estando em seu perfeito juizo, e sem susto, penetrando-se bem das orações que n'esta acção religiosa se recitam, e que, por um encanto divi-



no, suspendem as dôres mais violentas, e fazem esquecer a morte) honrou a sensível princeza com delicadas mostras de benevolência algumas pessoas do seu serviço. A's onze horas e meia recebeu ella, estando ainda em si, e conformemente a um antigo e pio uso da nossa côrte, a absolvição *in articulo mortis* dada pelo nuncio apostolico, o qual, bem como os ministros d'Inglaterra e d'Hispanha, ficou em o paço até ao desfecho tragico d'este triste drama. Pouco depois d'aquella augusta cerimonia, pareceu que a Rainha recobrava o alento a ponto de querer assentar-se na cama, mas, tornando para logo a sentir-se muito abatida, apenas pôde levantar por duas vezes a mão direita para beijar o Crucifixo que n'ella tinha e conservou até ao seu transito. Foi este o último signal que deu de estar em seus sentidos: e, começando pela volta da meia noite a padecer agonia, exhalou a vida quando o relógio da torre da capella real dava uma hora. Bem podia a Imperatriz, que com mão piedosa lhe cerrou eternamente os olhos dizer, como um prelado da terra em que ella nasceu exclamou na morte de uma irmã a quem assistiu até ao ultimo momento, *ainda eu aperta a com os meus braços os da minha querida neta, e já a tinha perdido* (1). Assim a Rainha se desatava d'aquellas caricias ternissimas, e a morte mais poderosa que o affecto, tirando-a d'aquellas mãos amigas, a roubava a tantos e tão ardentos votos. Mas, as sombras da morte que, aos olhos do corpo, cobrem a face da Rainha, em que ainda se divisava o doce sorriso da paz eterna, já se dissiparam e estão desfeitas para ella, porque o Senhor que *lhe fizera conhecer o caminho da vida, já a encheu de alegria com o seu rosto, e a fez viver deliciosamente á sua dextra para a eternidade* (2). Estas e outras expressões sublimes com que a egregia, como boa mãe, contrapesa no espirito dos seus filhos o dogma de razão da morte com os artigos de fé da immortalidade d'alma e da resurreição do corpo são, bem como a fé viva e sincera na oração que prolonga e estreita ainda além d'este mundo os laços de parentesco e ternura entre os vivos e os mortos, as unicas consolações solidas que se encontram em tão desgraçados casos.

Um murmúrio da tanta gente lastimada que enchia todas aquellas salas mostrou bem que os corações das pessoas da nossa côrte ainda são impressíveis ás brandas afeições e á vehemência da justa dôr que n'aquelle terrível momento opprimia os espiritos de toda a familia real, em quanto as janellas abertas por causa do calor, deixando ver um dos mais bellos clarões da lua reflectido no Tejo que parecia um espelho do mais sereno ceo, fazia que, no interior da morada real, se ouvissem as singelas expressões da sensibilidade do povo; e, quando eu, á vista d'aquella bellissima scena da natureza, que contrastava com a agitação dos animos, negros de dô e de lucto, tinha por conclusão que a vida humana é mais inventiva que os romancistas, e que as produções d'ella não se parecem nada com as dos novelleiros modernos, pedi-me um antigo amigo que hoje occupa um cargo eminente, que compozesse o epitaphio que aqui transcrevo, por isso que, nas copias que d'elle tem apparecido, falta o principio e o fim d'esta inscripção sepulchral.

Deo. Optimo. Maximo. Hic. Jacet. Quod. Mortale. Fuit. Augustissima. Stephanie. Fredericæ. Guillelmine. Antonie. Portugalie. Et. Algarbiorum. Regine. Celsissimum. Caroli. Et. Josephine. Hohenzollern. Sigmaringen. Et. Borussia. Principum. Filie. Natæ. Sigmaringen. Idibus. Julii. Anno. Dni. MDCCCXXXVII. Augustissimo. Petro. Quinto. Portugalie. Et. Algarbiorum. Regi. Fidelissimo. Nuptæ. Beroldini. Tertio. Kalendas. Maii. Anno. Dni. MDCCCLVIII. Quæ. Non. Minus. Eximia. Pietate. In. Deum. Quam. Singularem. Amore. Erga. Sponsum. Et. Charitate. Erga.

(1) *Stringebam brachia, sed jam amiscram quam tenebam.*

*Div. Ambr. Orat. de Obil. Sat.*

(2) *Notas mihi fecisti vias vitæ, adimplebis me læticia cum vultu tuo: delectationes in dextera tua usque in finem.*

*Psalm. xv. vers. 11.*

Pauperes. Prædita. Obiit. Diem. Supremum. Desiderium. Sui. Omnibus. Relinquens. Olyssipone. XVI. Kalendas. Augusti. Anno. Dni. MDCCCLIX. Sit. Ei. Terra. Levis.

#### Tradução.

A Deus Optimo Maximo. Aqui jazem os restos mortaes da augustissima senhora Dona Estephania Frederica Guilhermina Antonia, Rainha de Portugal e dos Algarves, filha dos muito altos principes de Hohenzollern-Sigmaringen e de Prussia, Carlos e Josephina, nascida em Sigmaringen a 16 de Julho de 1837, casada em Berlim com o augustissimo senhor Dom Pedro Quinto Rei Fidelissimo de Portugal e dos Algarves a 29 de Abril de 1858, dotada de um grande amor de Deus, de um singular affecto a seu esposo, e de uma extremada caridade para com os pobres. Falleceu em Lisboa a 17 de Julho de 1859, deixando a todos a mais viva saudade. Seja-lhe a terra leve.

MARQUEZ DE BESENDE.

#### Quadras historicas.

IV

O IMPERIO ALEMÃO.

(Primeira epoca).

Continuação

O imperador, porém, que ao erguer-se da penitencia reconheceu a baixaze, côrou de vergonha. Voltando á Alemanha, reúne um concilio, e obriga-o a depor Gregorio do solio pontificio. O grande e ambicioso reformador vê-se então obrigado a descer os degraus do throno, para ir morrer n'um escondido retiro, victima do pezar!

Mas a idea de Gregorio VII não morreu. O genio vive sempre. A sepultura pode tragar o involucro humano que o reveste; mas o espirito, a essencia, por assim dizer, permanece immortel pela grandeza do principio. Gregorio VII como homem já não podia ser nada; mas as sementes que lançou, e que o tempo fecundou, borbulharam com robustos rebentões. As maximas reformadoras do grande homem, as suas admiraveis doutrinas, atravessaram os annos para virem ser a herança de Urbano II e Innocencio III. A obra não morreu com elle: fortificou-se com o tempo; e os papas adquiriram a soberania universal que elle quizera estabelecer. Consideraram-se os arbitros da sorte dos povos e dos reis, e nenhum potentado alcançou coartar-lhe o poder e a audacia, senão temporariamente.

Os papas, que viam no imperio um temeroso adversario, começaram a usar da intriga para o aniquilarem. Os filhos dos imperadores, instigados pelos pontifices, levantavam o estandarte da rebellião, armando-se contra os paes. D'ahi resultaram guerras intestinas que devastaram a Alemanha, e se estenderam pelo norte da Italia, em quanto no sul os normandos disputavam aos sarracenos essa parte da peninsula, e fundavam a monarchia napolitana na pessoa do valoroso Tancredo.

Era por este modo que a astucia dos papas queria attenuar a fortaleza do imperio, e, envolvendo-se nos seus sanguinarios destroços, enriquecer-se com elles. Era assim que os ministros de Deus, para adquirir a supremacia temporal, instigavam o rebanho, que deviam pastorear, ao crime de rebellião parriçida.

Uma idea se generalizou então, que vetu distrahir os papas dos seus projectos de exterminio — a conquista de Jerusalem.

A Alemanha é a primeira a offerecer-se para a cruzada, e as pregações de Pedro o eremita correndo de povo em povo, de nação em nação, derramam o fervor religioso e o desejo de vingança nos corações dos christãos. O concilio de Clemont decreta as cruzadas, e estas grandes expedições, occupando o espirito dos papas e de todos os monarchas christãos, fazem cessar as guerras com que se dilaceravam, unindo-se confrades d'uma santa e gloriosa empresa, para o mesmo fim, pelos mesmos meios.

As cruzadas fazem parte d'outro trabalho para que aqui as queiramos descrever e considerar os seus effectos. Foram um facto muito notavel, encravado, verdade seja, n'esta epoca, mas que forma um grande quadro, cujo desinvolvimento pede maior espaço e mais amplas considerações.

Como a conquista e reconquista dos Logares Santos fosse a unica coisa que então occupava os espiritos desde o throno até á classe minima da sociedade, a paz consolidou-se no occidente afim de que os monarchas, empenhados nas cruzadas, se fortalecessem para novas expedições contra os moiros do oriente.

Só na Iberia resoavam os alaridos de guerra. Erã os sarracenos que, ainda senhores de grande parte da peninsula, iam sendo repellidos pelo valor dos christãos. Foram depois as armas de Affonso que nos plainos de Ourique derrotaram cinco reis moiros, colligados com o emir-al-munin de Marrocos; foram as espadas dos lidadores do fundador da monarchia, que retiniam sobre os escudos moiriscos; eram finalmente as hostes aguerridas do nosso primeiro rei, que derrotavam as hordas sarracenas, e penetravam em Santarem e Lisboa, e iam ganhar á custa do proprio sangue o territorio do Al-Gharb!

Genova repelia o jugo dos condes que a governavam, e, seguindo o exemplo de Veneza, erigia-se em republica. Ainda á semelhança da rainha do Adriatico, creava uma respeitavel marinha, e conseguiu attingir no Mediterraneo uma força que rivalizou com a de S. Marcos.

No oriente, Saladin reconquista Jerusalem aos christãos e resiste aos seus continuos ataques.

Em França, uma seita religiosa, que os papas classificaram de herege, promove uma cruenta guerra, dirigida por Simão de Monfort, e dá occasião a que ali se institua o tribunal sanguinario chamado depois inquisição.

Mas o imperio alemão prosegue feliz e incolume no meio d'estas convulsões politicas. Frederico eleva-o a uma colossal grandeza. Conservando os seus estados contra a ambição e diligencias de Gregorio IX, apodera-se de toda a Italia. Innocencio IV, inimigo da superioridade do imperador, excommungo-o; mas elle zomba da excommunição; ganha ao papa successivas batalhas e força-o a retirar-se para França.

Um concilio decreta a deposição de Frederico; mas, desprezando ainda as armas que lhe apontam, confunde as facções e destrõe os que attentam contra a sua vida. Ainal o veneno, acabou a existencia d'um dos maiores genios que produziu a Alemanha.

Conrado segue os passos de seu pae. Sustenta firme o poder em toda a plenitude; mas o veneno romano apaga o clarão d'esse outro genio.

Então Urbano IV offerece o territorio italiano á cubija de varios principes, que o partilham entre si. Carlos d'Anjou tenta apoderar-se exclusivamente da Italia; e a cruel ambição d'este homem, a vaga do throno imperial que pede um successor, entregam a Alemanha e a Italia a successivas execuções, ordenadas por Carlos. O sangue mais illustre do mundo rega os cadafalsos erguidos á voz do francez. Os vassallos do imperio martyrisados, opprimidos, agonisantes; rodeados de assassinos e traicões; presenciando a destruição das suas mais bellas cidades, e o sangue correndo a jorros sobre os seus fructiferos campos, surgem do desalento moral em que jaziam, enfreiam a anarchia, e repellem com denodo os inimigos do imperio. Robustecidos de energia e vigor, formam entre si a confederação ebamada das cidades anseitias, para se defenderem das pretensões dos principados alemães, e entregarem-se á eleição do successor do imperio.

Rodolfo, conde d'Apshurgo, é elevado ao throno imperial.

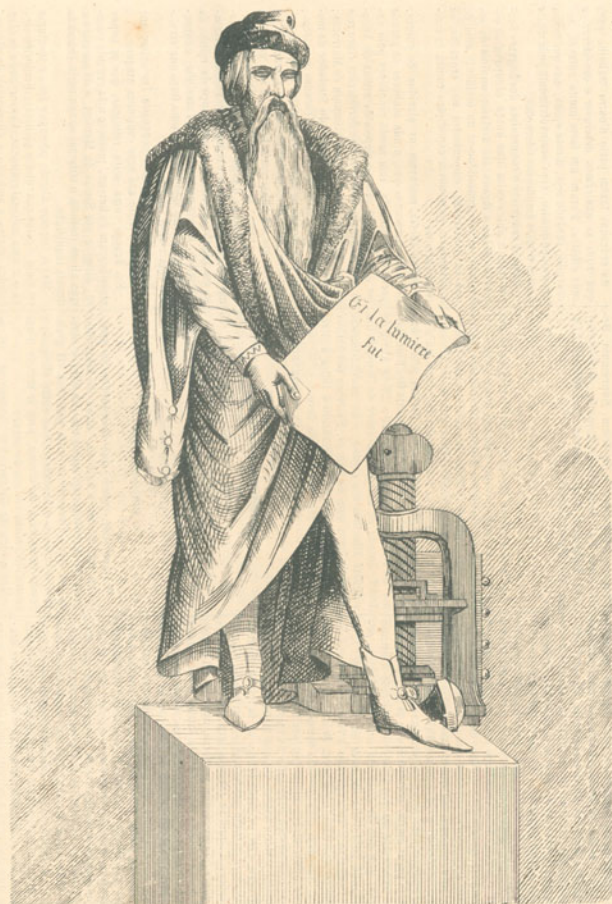
Terminaremos aqui a primeira epoca do imperio alemão. A segunda, que vae começar na pessoa de Rodolfo d'Apshurgo, e termina nos tempos modernos, constitue uma segunda parte que será tambem descripta depois de certas epocas notaveis que noticiamos de leve n'esta quadra, e que, por n'ella se acharem encravadas, tem a primasia sobre a segunda epoca do imperio alemão na ordem chronologica dos acontecimentos.

Rica de personagens foi esta primeira parte. Vimos apparecer na Inglaterra Alfredo-o-Grande, a

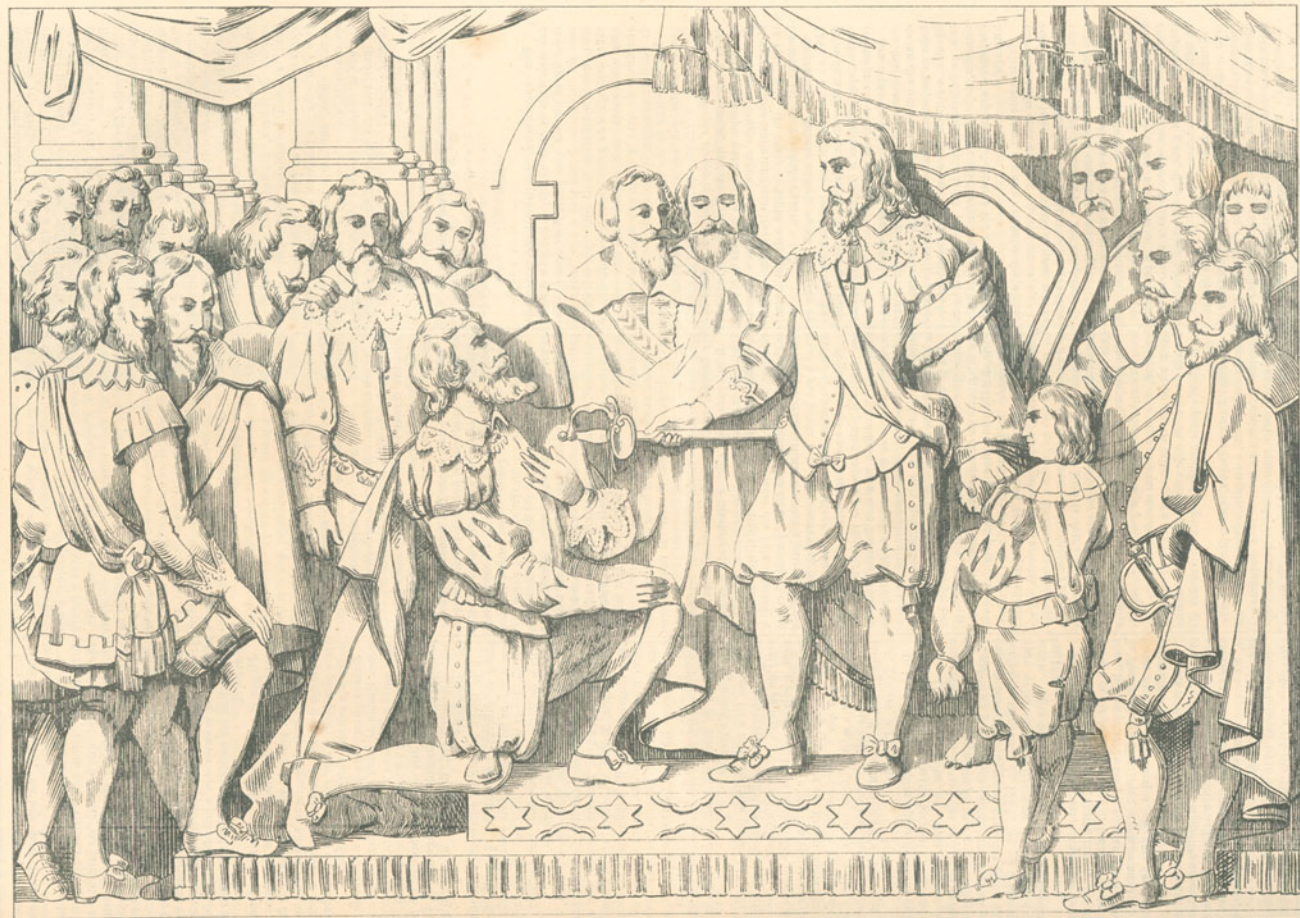




Estatua de Rubens em Antuerpia.



Estatua de Gutenberg em Strasbourg



Baixo relevo do monumento de Rubeis



Guilherme o Conquistador, na Alemanha, Othon I, Henrique IV, Frederico II e Rodolfo d'Ápsburgo; em Hespanha, o Cid, Fernando o Catholico, e D. Affonso Henriques; no oriente, Saladino e Godofredo de Bouillon; finalmente em França, o fundador da dynastia dos Capetos, e Gregorio VII em Roma.

Em grandes factos não é ella menos rica. O restabelecimento da grande monarchia do occidente; a diffusão das luzes no imperio bysantino; a instituição do jury; a fundação da universidade d'Oxford; a prosperidade de Veneza e Genova; a nacionalidade, queda, e reabilitação da Polonia; os fundamentos do imperio turco; a expulsão dos mouros da Hespanha; as cruzadas; a primeira epoca da renascença, e com ella as utilissimas descobertas nas artes, na industria, e na agricultura; os ensaios da pintura, brotando dos pinceis de Giovanni; a poesia balbuciente, tomar força na linguagem culta e moderna nas inspirações do Dante e Petrarca; a fundação da monarchia portugueza; enfim, mil outras coisas, que seria longo enumerar, e que foram para a humanidade como que a poderosa alavanca que devia levantá-la da ignorancia dos primeiros tempos pelos esforços da idade media!

Continua.

ALFREDO PIRES.

### Personagens historicos.

II

RUBENS.

Este nome illustre, que tanto honra o catalogo dos mais eximios pintores, que a Europa tem admirado, figura tambem com muita distincção nos annos da diplomacia. Nunca teve a arte, talvez, um filho, que a nobilitasse tanto como este pelas elevadas aspirações do genio, pelos rasgos sublimes de uma alma nobre, pela elegancia das maneiras, e amenidade do trato, e enfim pelo fausto de uma vida quasi de principe.

A fecundidade do seu pincel, a importancia dos acontecimentos politicos em que tomou parte, as suas viagens, as relações que contrahiou com a maior parte dos principes do seu tempo, e a singularidade de muitos casos, que lhe succederam, tudo isto tem dado assumpto para muitas paginas da historia da arte, para longos capitulos da chronica d'aquella epoca, e para muito interessantes romances. D'esta vida, pois, tão cheia de brilho e de movimento, faremos aqui um resumido quadro.

Pedro Paulo Rubens nasceu em 29 de Junho de 1577 na cidade de Colonia, onde sua familia, expulsa de Antuerpia por occasião dos tumultos e discordias, que affligiram a Belgica n'esse seculo, vieram buscar um lugar de refugio.

Era o pae de Rubens um homem instruido, e como destinasse seu filho para a magistratura, tratou de lhe dar uma educação esmerada, procurando por todos os meios ao seu alcance desenvolver-lhe a intelligencia, e cultivar-lhe o espirito. Estes esforços foram perfeitamente secundados pela applicação do mancebo, cujos progressos fizeram conceber as mais lisonjeiras esperanças sobre a sua futura carreira litteraria.

Infelizmente veiu a morte arrebatá-lo o pae, privando-o tão cedo do guia experimentado, que o conduzia com tamanho desvelo nas perigosas sendas da juventude. Logo depois d'este triste successo voltou com sua mãe para Antuerpia, e ali completou os seus estudos classicos com muita distincção.

Como era chegada a epoca de dever entrar para a universidade, Rubens confessou a sua mãe, que não se sentia com vocação para a profissão a que seu pae, sem o consultar, o destinava; e pediu-lhe com vivas instancias, que o deixasse seguir a sua inclinação e o seu gosto, que o attrahiam irresistivelmente para a pintura.

Condescendeu a boa mãe com a vontade do mancebo, que sem mais demora começou a frequentar a escola de Adão van Ort, pintor de reputação, mas cujos talentos eram aviltados pela grosseria de suas maneiras, e ainda mais pela sua vida desregada.

Descontente o discipulo com semelhante mestre, passou a estudar com o celebre pintor Octavio van

Veen, mais conhecido sob o nome de *Otovenius*, em cuja escola encontrou bellos modelos de graça e de genio, de colorido, de delicadeza de pincel, e ao mesmo tempo os melhores exemplos de polidez, e elegancia de maneiras, de bondade de coração e doçura de costumes. Chegado aos vinte e tres annos, e tendo aprendido tudo quanto lhe podiam ensinar os pintores do seu paiz, Rubens poz-se a caminho da Italia.

A sua primeira viagem levou-o a Veneza, onde se demorou para estudar as obras de Ticiano, de Paulo Veronese, e do Tintoretto. O duque de Mantua, tendo ouvido fallar com grande elogio nos conhecimentos e talento do joven artista flamengo, chamou-o á sua corte, e ali o recebeu com todas as demonstrações de apreço e benevolencia.

Rubens viu-se logo condecorado com o titulo de gentil-homem e pintor de sua alteza; e por tal modo lhe captou a estima e confiança, que o duque, descobrindo, sem duvida, no seu protegido qualidades proprias para o bom desempenho de negocios d'estado, encarregou-o de uma missão junto de Filippe III, rei de Hespanha, ao qual enviou por esta occasião seis formosos cavallos napolitanos.

No seu regresso a Mantua, Rubens recebeu novas honras e mercês do duque, o qual pouco depois lhe permittiu dirigir-se a Roma, com a recommendação de lhe copiar ali as melhores produções da escola romana.

Partiu pois para a capital do mundo christão, e no fim de algum tempo, passou a visitar Florença, e Bolonha, foi outra vez a Veneza, voltou a Roma, depois dirigiu-se a Milão, e d'aqui a Genova, onde a estima com que o acolheram os habitantes, e a amenidade do clima o detiveram alguns annos.

Em todas estas cidades fez serios estudos sobre os primores d'arte, que encerravam, além de achar o segredo de produzir taes bellezas. E em toda a parte, onde se demorou, deixou obras do seu proprio pincel. Aos mestres da escola de Veneza deveu em grande parte o illustre chefe da escola flamenga aquelle brilho e magia de colorido, que tem feito a admiração da Europa em todos os tempos.

Andava ausente da patria havia nove annos, quando lhe chegou a noticia de estar sua mãe a braços com a morte. Partiu immediatamente para Antuerpia, mas desgraçadamente já não pôde receber a sua benção, nem os seus derradeiros suspiros.

Desafogada a sua dôr, e desobrigada a piedade filial pela erecção de um rico mausoleo, dispunha-se Rubens para tornar para a Italia, quando o archiduque Alberto, governador dos Paizes Baixos, e sua esposa, a archiduqueza Isabel, pezando-lhes que um tão eminente artista deixasse a patria, e fosse levar a sua gloria para terras estranhas, fizeram todas as diligencias para o resolver a ficar.

Preso por mil obsequios e mercês d'estes principes, o eximio pintor fixou a sua residencia em Antuerpia, e ali edificou para esse fim uma bonita casa, que em breve se tornou n'um verdadeiro palacio das bellas-artes, onde assombrou os seus proprios admiradores tanto pela fecundidade como pelo alto merito de seu pincel.

Era já tão grande a reputação de Rubens por este tempo, que a rainha de França, Maria de Medicis, por intermedio do embaixador dos Paizes Baixos em Paris, fez-lhe vantajosas propostas para que elle se encarregasse das pinturas do palacio do Luxemburgo, que esta princeza estava acabando de edificar para sua morada. As propostas foram acceitas, e d'ellas resultou essa magnifica e tão fallada serie de vinte e quatro grandes paineis, que contem a historia allegorica de Maria de Medicis desde o seu nascimento, até á sua reconciliação com seu filho, el-rei Luiz XIII, no anno de 1620.

Na composição d'estes quadros Rubens deixou-se levar demasiadamente do mau gosto das figuras allegoricas, que adquirira em casa de Otovenius. Todavia n'este seu trabalho, que é reputado como um modelo de colorido e de composição, aquelle defeito é em grande parte modificado pela clareza das allegorias.

O painel d'esta collecção, que representa o nascimento de Luiz XIII, é um primor de execução, e um triumpho verdadeiro da arte. O rosto da rainha exprime com a maior naturalidade as duas mais oppostas sensações do coração humano, a dôr e a alegria.

Esta collecção, que apenas levou vinte mezes de trabalho a seu autor, faz hoje parte do museu do Louvre.

Tendo feito conhecimento em Paris com o duque de Buckingham, valido do rei Carlos I de Inglaterra, aquelle fidalgo, que o tomara em particular affeição, fallou-lhe um dia em confidencia da desintelligencia que reinava entre as côrtes de Hespanha e de Inglaterra; declarando-lhe que o seu soberano muito desejava vê-la terminando.

No seu regresso a Bruxellas, Rubens referiu á archiduqueza Isabel a conversa de Buckingham, e esta princeza encarregou-o de entreter uma correspondencia a tal respeito com o privado de Carlos I; do que resultou ser enviado a Madrid para tratar d'este negocio.

Filippe IV, encantado da habilidade e maneiras do artista diplomatico, tratou-o com singulares distincções, e em prova da confiança que n'elle depositava, e dos bons desejos, que o animavam, no assumpto em questão, deu-lhe instrucções e credencias para poder tratar em Londres do restabelecimento das relações entre as duas côrtes.

Rubens passou logo a Londres, e ao cabo de dois mezes ajustou as bases de um tratado de paz e amizade entre a Hespanha e a Inglaterra. Desempenhou esta missão tanto a contento de ambas as partes contractantes, que os dois soberanos entraram em competencias de generosidade e de magnificencia sobre qual galardãoaria mais dignamente o habil e sympathico negociador.

Pelo tempo adiante foi encarregado o distincto pintor de diferentes negociações com a Hollanda, com a rainha Maria de Medicis e seu filho segundo, Gastão, duque d'Orleans, logo que estes principes saíram de Paris para Bruxellas; com Ladislau, rei de Polonia, e com outros soberanos.

Não se julgue, porém, que estas repetidas, e tão serias occupações, desviassem Rubens dos estudos e trabalhos da sua arte. Durante o tempo, que residiu em Paris, Madrid, e Londres, apesar dos cuidados e diligencias, que lhe impunham as suas importantes missões diplomaticas, nunca o pincel do artista esteve inactivo. N'aquellas tres cidades executou excellentes trabalhos em variados generos; e em todos era eximio. Os seus quadros de historia, como os de paisagem, os retratos como os paineis de fructos, ou de flores, todos ostentam o cunho do seu genio potente e creador.

Rubens foi o mais distincto pintor da escola flamenga, que sobressae ás outras escolas pelo brilho e vigor do colorido, pelo perfeito accordo do claro-escuro, e pela suavidade do pincel. Este insigne mestre creou uma maneira e estylo propriamente seus, e formou discipulos, que lhe deram muita honra e gloria, sem que o merecimento de nenhum d'elles lhe causasse a mais pequena inveja, o que é bem raro. Os mais notaveis dos seus discipulos foram, Jordões, Van Egmont, Martinho Vaz, Van-Dick, os dois Teniers, e Paulo Bril.

Os innumeraveis quadros saídos das mãos de Rubens adornam as galerias do Escorial e de Madrid, de Paris, Londres, Bruxellas, Antuerpia, Florença, Munich, etc. Decoram quasi todas as igrejas da Belgica, e fazem o ornamento de uma grande infinidade de gabinetes e collecções particulares. O nosso paiz possuiu bastantes, a maior parte dos quaes ou se perderam no terremoto de 1755, ou se desencaminhou pelas invasões francezas do principio d'este seculo, e por occasião da suppressão dos conventos em 1834.

Ainda que mencionassemos tãmsómente os paineis mais afamados d'este illustre pintor, fariamos um longo catalogo. Entretanto, fallando-se de Rubens, não se pode deixar de nomear o seu quadro do *Descimento da Cruz*, que se admira na igreja de Nossa Senhora de Antuerpia. É uma das maiores maravilhas da arte.

A vida privada de Rubens corresponden dignamente á elevação do seu genio. Magnifico no seu viver, que parecia o de um principe; affável, bom, e generoso para com todos os que se aproximavam d'elle, fez sempre o mais nobre uso das riquezas, que adquiriu pelo seu pincel.

Poucos homens terão tido, como elle, os dias tão occupados, e o espirito tão rico de conhecimentos variados. Sabia o latim como a sua lingua mater-



na, e com a mesma perfeição fallava o francez, o inglez, o hespanhol, e o italiano.

Quer estivesse na sua casa de Antuerpia, quer no seu lindo palacio de Steen, proximo de Malines; ou mesmo durante as suas viagens, dominava-o constantemente um ardente desejo de trabalhar. E só assim se explica a prodigiosa fecundidade do seu pincel; pois que a sua vida não foi demasiadamente longa. Não contava ainda sessenta e tres annos, quando um ataque de gotta, molestia de que padecia havia alguns annos, poz termo á sua existencia em 30 de Maio de 1640.

A estampa, que acompanha este artigo, representa a estatua de Rubens, erigida na cidade de Antuerpia em Agosto de 1840. Eleva-se no centro de uma praça sobre um pedestal, ornado por dois genios. Em uma das faces do pedestal lê-se a seguinte inscripção:

Petro Paulo  
Rubens  
Civi olim suo  
S. P. Q. A.  
Sumptib. publ. et priv.  
P.  
MDCCLXXX.

Nas faces lateraes do pedestal vêem-se dois formosos baixos relevos. Um representa Carlos I, rei de Inglaterra, dando a Rubens, na presença de toda a côrte, a sua propria espada, depois de o ter feito cavalleiro. O outro figura a visita com que a archiduqueza Isabel honrou uma vez o insigne pintor.

A estatua foi executada com grande perfeição por mr. Geefs, escultor belga de muita distincção.

O dia da inauguração d'este monumento foi de festa nacional, não só para a cidade natal do illustre artista, mas tambem para as cidades e villas de muitas leguas em circumferencia de Antuerpia, d'onde o povo concorreu cheio de enthusiasmo a tomar parte n'aquelle solemne testemunho de reconhecimento publico para com a memoria do artista de genio, e do cidadão benemerito.

GUTTENBERG.

E' este um dos vultos historicos mais dignos do respeito geral dos povos, e mais credores da gratidão da sociedade. Ficarão certamente comprovadas estas asserções, dizendo-se que foi Gutenberg o primeiro inventor da imprensa.

A influencia, que esta sublime descoberta exerceu no curso da civilisação, e no bem estar da humanidade, foi tão grande, e manifesta-se todos os dias por tantos modos, novos, e grandiosos, que fóra prolixidade pretender demonstrar o que a todas as intelligencias é patente e obvio.

Nasceu João Gutenberg na cidade de Mayence, na Alemanha, correndo o anno de 1400. Seus paes eram nobres, mas possuíam uma pequena fortuna.

São pouco ou nada sabidos os primeiros passos da vida d'este homem celebre; e o mesmo se pode dizer a respeito do principio dos seus trabalhos para o grande descobrimento. Entretanto parece fora de duvida, que o fructo das suas primeiras tentativas foram caracteres gravados em madeira.

Este ensaio, pouco satisfatorio, mas esperançoso, foi seguido de outros estudos e diligencias, que deram em resultado a invenção dos caracteres moveis, esculpidos em madeira; invenção que teve lugar segundo uns na cidade de Strasburgo, e conforme outros na de Mayence, pelos annos de 1438 ou 1440, pois que tambem ha duvidas sobre a data. Este porém é que foi o verdadeiro começo da arte typographica.

João Gutenberg principiou então a fazer alguns trabalhos de impressão; mas custaram-lhe tanto dinheiro, que, exaureado o seu peculio, viu-se obrigado em 1444 a solicitar alguns meios. Foi esta necessidade, que o levou a associar-se em Mayence com um ourives, chamado João Fust, que lhe forneceu dinheiro. Tambem por esta occasião entrou para a sociedade um escriptor de bastante engenho e industria por nome Schaeffer.

Durou esta sociedade até ao anno de 1453, no qual Gutenberg se separou dos seus socios, depois de terem publicado algumas edições, sendo uma

das primeiras, ao que parece, uma biblia sem data, chamada das *quarenta e oito linhas*.

Variam os autores, que tratam de Gutenberg, sobre os seguintes dez annos da sua vida até 1465. Todavia a opinião, que se antolha mais bem fundada e a dos que pretendem, que elle continuara a residir em Mayence, e que no anno de 1465ahi se achava em serviço de Adolpho de Nassau, elector de Mayence. Esta ultima parte é confirmada com documentos, pois que n'esse anno foi nomeado por aquelle principe seu gentil-homem, com uma pensão annual, que só gosou por tres annos, até ao de 1468 em que falleceu, contando mais de sessenta de idade.

Passados não muitos annos depois da morte de Gutenberg, principiarão a apparecer duvidas acerca do verdadeiro autor da descoberta, as quaes depois se converteram em calorosas disputas. Os que pretendiam roubar-lhe a gloria, attribuiam a invenção a Fust, ou a Schaeffer, ou a Coster de Harlem, que trabalharam juntamente com elle. Porém afinal, de tão renhidas contendas dos escriptores surgiu a verdade incontrouersa, dando a Gutenberg a gloria do maravilhoso invento, e a Schaeffer a honra de ter introduzido na arte nascente um grande melhoramento — o dos caracteres fundidos.

Em 14 d'Agosto de 1837 erigiu-lhe uma estatua a cidade, que se ufana de lhe ter servido de berço. O monumento foi inaugurado na praça contigua á sé com a mais pomposa solemnidade. Os sons das musicas marciaes, e de festivos hymnos entoados por milhares de vozes; as salvas d'artilheria, e o repique dos sinos da gothica cathedral, annunciaram a toda a cidade de Mayence, que a sua grande divida de gratidão acabava de ser satisfeita.

Em 24 de Junho de 1840 inaugurou-lhe outra estatua a cidade de Strasburgo, e é d'esta que damos o desenho n'este numero. E' de marmore, e para se julgar da sua perfeição bastará dizer, que foi feita por David d'Angers, um dos mais celebrados esculptores francezes do seculo passado.

I. DE VILHENA BARBOSA.

Os dois bakales.

CONTTO MUSULMANO.

Continuação.

Apenas Nadir fallou, Fatima ergueu vivamente a cabeça.

— E retardando a tua jornada, perguntou com inquietação, dar-me-has tambem a peça de *Haré-Diba* que me prometteste?

— Não; dava-te este presente para poder sair hoje mesmo de minha casa sem ouvir os teus lamentos.

A esposa de Nadir lançou novos suspiros; depois enxugou os olhos com a ponta do seu chale; e, tomando as mãos do official e apoiando n'ellas a fronte, disse:

— Meu querido senhor, perdoae-me se quiz impedir o cumprimento do vosso designio. Era uma ingrata que não considerava mais que a minha propria satisfação, depois de ter esquecido a obediencia e respeito com que devo aceitar as decisões de vossa soberana vontade. Ah! quão pouco merecia o presente que quereis fazer-me d'essa magnifica peça de *Haré-Diba*, adornada de galões de ouro.

Nadir quiz interromper aqui a joven; mas esta continuou com voz rapida:

— Similhante prova da tua bondade para comigo e de tua magnificencia, querida e unica lua do meu affecto, fez-me, como devo ser sempre, submissa ás tuas vontades, resignada aos teus rigores, e risonha a teus beneficios... Podes partir agora, uma vez que os teus desejos ou os teus interesses te chamam para longe de mim... Sim, vae, e não temas que os meus gemidos te incomodem.

Nadir teve grande alegria quando viu que Fatima mostrava tanta doçura e resignação, depois de se ter entregado á desesperação e á colera.

Comtudo, uma reflexão veio perturbar um pouco a sua alegria. Fatima, com effeito, parecia ter

socegado com a esperança de receber um presente, melhor do que elle podia dar-lhe. Nadir promettera uma peça de *Haré-Diba* guarnecida de franjas de prata, e não com galões de ouro. Mas isto é o que esperava a ambiciosa Fatima.

A's primeiras palavras que aquelle pronunciou sobre este objecto, principiou ella de novo a estorcer as mãos e a desesperar-se, accusando Nadir de pouca memoria, e afirmando que lhe havia promettido uma peça de *Haré-Diba* guarnecida de galões de ouro.

O *tutundjibaschi* deixou-se vencer, e n'aquelle mesmo dia foi a um *Bezestein*, e quiz ver muitas peças como a que tinha promettido; mas não achou nenhuma que não valesse mais do que elle podia gastar. Não obstante, resolveu a cumprir a sua palavra, compraria a peça, se se fosse o dinheiro necessario; mas teve de voltar a casa a buscar a quantia que com pezar devia dar pelo vestido.

A meio caminho encontrou-se com o *portacimitarra* do sultão, de quem era amigo havia muitos annos. O *portacimitarra* conheceu depressa que Nadir estava triste, e pediu lhe confiasse a causa da sua pena.

Este ultimo communicou-lh'a; e o official poz-se a meditar, e depois disse ao *tutundjibaschi*:

— Querias cumprir a tua promessa sem gastar muito?

— Sim, mas isso é impossivel.

— Asseguro-te que nada é mais facil. Volta ao *Bezestein* comigo, e terás a *Haré-Diba* que queres, por metade de uma moeda d'ouro.

— Os vendedores pedem-me mais de vinte.

— Porque não sabes explicar-te.

— E como te explicarás tu?

— Vem e verás.

E os dois amigos dirigiram-se ao lugar onde se vendiam as telas. O primeiro estava impaciente, porque desejava ver como o seu amigo saia d'aquelle apuro.

Entretanto tiveram de parar para deixar passar uma porção de homens a pé que marchavam em duas filas, acompanhando um outro montado em um cavallo com luxuosos arreios.

O ginete caminhava precedido por dois officiaes, que levavam pesos, o que dava a conhecer que aquelle personagem era o *cadi* da cidade, escoltado por seus agentes.

A' vista d'esse cortejo os *bakales* (vendedores de viveres) para cujas lojas se dirigiam, pareceram tão assustados, que Nadir e seu companheiro não puderam resistir ao desejo de presenciar uma das scenas da justiça turca, que é certamente a mais prompta de todas as justicias humanas.

O *grá-cadi* parou á porta de um padeiro grego, que se poz a tremer como as folhas agitadas pelo vento. Os officiaes que levavam os pesos tomaram alguns pães e pesaram-n'os diante do chefe da justiça. Ai! as conchas, que só obedeciam ás exactas leis do equilibrio, manifestaram a má fé do padeiro, cujas vistas supplicantes não tiveram bastante força a inclinar o *fiel* para o lado que desejava.

O padeiro foi condemnado immediatamente a cincoenta pauladas nas plantas dos pés; e, segundo o uso, a sentença foi executada no mesmo instante.

Nadir, tendo sempre julgado que o castigo d'um culpado era espectáculo saudavel, ainda mesmo para um homem de bem, tomou lugar na frente para o presenciar.

O grego que recebia as pauladas lançou gritos tão singulares e fez gestos tão extraordinarios, que Nadir não pôde deixar de rir ás gargalhadas.

O *bakale* fitou-o com uns olhos, cujas pupillas se faziam grandes e pequenas como as do gato — o animal querido do propheta que com seu olho de esmeralda penetra as trevas — e por fim disse-lhe:

— *Tutundjibaschi*, porque te ris da minha desgraça? E' justo accrescentar ao meu castigo o escarneio, a que não fui condemnado? Tem cuidado de mostrar, antes do dia acabar, uma consciencia mais pura do que eu com os meus pães; cuida de ti em vez de divertir-te com o supplicio do proximo, pois a consciencia pesa todas as decisões dos homens, e o Soberano de tudo o que existe castigará a levandade das tuas, mais cruelmente do que me castigam a mim pelo peso que falta nos meus pães.



Estas palavras causaram a Nadir mais confusão que ira.

O porta-cimitarra mostrou-se, ao contrario, muito irritado; queria pedir ao grã-cadi que dobrasse o numero das pauladas que o pobre grego recebia; mas o esposo de Fatima supplicou ao seu amigo que não fosse causa de tal rigor. Além d'isso, a sentença estava já executada, e o cortejo seguiu o seu caminho.

Nadir e o porta-cimitarra dirigiram-se de novo para o *Bezestein*; mas estava escripto que não podessem chegar ali sem terem outro motivo de parar no caminho.

Teriam andado uns mil passos quando uma grande reunião de pessoas veio estorvar-lhe a passagem; tiveram de esperar momento favoravel para atravessar por entre aquella multidão.

Nadir descobriu logo a causa que tinha reunida tanta gente.

A porta de uma casa viu um homem cravado por uma orelha, e pensou que o grã-cadi tinha passado por aquelle sitio. Com effeito, um novo culpado fóra descoberto, julgado e castigado com a já dita promptidão.

D'esta vez era um vendedor de comestiveis que se aproveitara da escassez para vender mais caro do que era permitido.

Ainda que o supplicio não devesse corrigir o culpado para o futuro, Nadir, que depois das palavras do padeiro, era, ao menos em apparencia, menos implacavel com os criminosos, pronunciou em favor d'este algumas palavras compassivas. Mas apenas as tinha soltado, quando um sorriso malicioso e ironico appareceu nos labios do *bakale*, que disse elevando a voz:

— *Tutundjibash*, tua falsa e humilhante compaixão, longe de consolar-me, agrava a minha pena; cessa de humilhar-me com lamentos hypocritas. Se não te apressas a fechar o teu coração á avariza, depressa te sentirás desgarrado com mais dôr que eu sinto na minha orelha. Não terá transcorrido talvez tempo igual ao que se precisa para passar entre os dedos as noventa e nove contas do rosario, sem que tu te hajas feito mais culpado aos olhos de Deus do que eu aos olhos dos homens.

Continua.

#### o amor e o dever

### COMEDIA-DRAMA ORIGINAL EM TRES ACTOS

POR FRANCISCO SEBRA.

#### PERSONAGENS

JOÃO DE CASTRO, morgado na provincia.

MARGARIDA, sua mulher.

ADELAIDE, amiga e protegida de Margarida.

JULIO DE MENEZES { amigos de João de Castro.

CESAR D'ALMEIDA {

FERNANDO DE CASTRO, irmão do morgado.

EDUARDO DA MOTTA, amigo intimo de Fernando.

SEBASTIÃO DE MIRANDA, viajante e proprietario rico.

JOSÉ DE MIRANDA, seu filho.

D. CHRISTINA, amiga de Margarida.

SIMÃO DE VASCONCELLOS, seu pae.

O BARÃO D'OLIVEIRA.

JORGE, criado velho.

UM CONVIVADO QUE FALLA.

UM CRIADO, idem.

Criados, convidados de ambos os sexos, etc. etc.

A acção tem logar na provincia na actualidade.

#### ACTO I.

A scena representa um elegante jardim, tendo a fachada da propriedade á direita, com duas portas de communicação; á esquerda uma cancella no terceiro plano, grade ao fundo. Alguns bancos, vasos de flores, etc. etc.

#### SCENA I.

JOÃO DE CASTRO E MARGARIDA.

MARGARIDA (*sentada á esquerda, e seu marido de pé ao lado*) — Com franqueza t'ô digo, nunca a vida da provincia me pareceu tão agradável.

JOÃO DE CASTRO — Ora... quem ha que não goste dos encantos d'estas manhãs d'Abril! Faz bem o ar livre do campo...

MARGARIDA (*fechando o livro em que lia*) — N'esta epoca não digo que não; mas tres partes do anno fazem-nos pagar bem a estação das flores.

JOÃO DE CASTRO — Descansa, vou reunir uma grande sociedade. Escrevi a Fernando para vir passar em nossa companhia o resto d'este mez. Quero fazer uma caçada brilhante.

MARGARIDA — Teu irmão só gosta de viver em Lisboa.

JOÃO DE CASTRO — Mandei-lhe pedir com instancia para não faltar. Os nossos bons hospedes que chegaram hontem á noite, foram para a caça logo ao alvorecer. Ainda bem, mostram que são dos meus...

MARGARIDA — Não me lembro de teres recebido a visita d'aquelles senhores desde que somos casados.

JOÃO DE CASTRO — Sebastião de Miranda é um homem milionario; acabou agora de viajar pela Europa com seu filho. Ha dois annos que estavam ausentes. E' verdade, reparaste n'aquelle modo triste, que essa rapariga a quem tens a loucura de chamar tua companheira de infancia, tomou com a chegada dos nossos dois amigos?

MARGARIDA — Pobre Adelaide! recorda-se talvez de nossa tia que era tão alegre quando recebia d'estas visitas em sua casa para as suas festas de campo. Tratava-a com tanta amizade... Olhava-nos como irmãs! Pobre senhora! serviu-lhe de mãe desvelada, e a mim... chamava-me a sua filha predilecta. Eu, porém, não fui tão feliz como a socia da minha mocidade.

JOÃO DE CASTRO — Abandonaram-na quando tua tia morreu?

MARGARIDA — E a mim levaram-me para muito longe! Adelaide... Adelaide foi servir. E não queres tu que ella ande triste, não queres que se recorde de tudo isto ao aproximarem-se dias de festa?!

JOÃO DE CASTRO — O que lá vae, lá vae... encontrei-a servindo n'uma casa conhecida, retirei-a d'essa vida, recebeste-a aqui como irmã... não lhe falta nada... para que hade ella andar como Santa Magdalena... a chorar sempre, quando nós procuramos a alegria?!

MARGARIDA (*em tom de reprehensao*) — Os homens são inexoraveis com a sensibilidade das mulheres, antes que nasceram frageis, e frageis hão-de morrer! E' o orgulho que os leva a escarnecer dos mais nobres sentimentos.

JOÃO DE CASTRO — Não me faças agora um romance das susceptibilidades da tua... companheira de infancia. Sabes o que te digo? E' que n'aquella rapariga anda mysterio grande de que somos victimas.

MARGARIDA (*á parte*) — Descobriria elle...

JOÃO DE CASTRO (*gravemente*) — Juro-te que hei-de saber tudo! (*mutando de tom*) Ali anda coisa... não tem que ver... (*sae*).

Continua.

#### O canto da sultana.

(IMITADO.)

Montanheza que passas a vida  
Em agreste montanha qu'erguida  
Se cinge de neve, seu manto glacial;  
Sem ver nunca os vistosos primores,  
Que no valle derramam as flores,  
As auras de Maio e o fogo estival:

Peregrino que o vasto deserto  
Vaes cruzando, d'arcas coberto,  
Qual pelago ardente, que abrasa teu pé;  
Onde buscas embalde, anhelante,  
Cristalino caudal, susurrante,  
Que orvalhe teus labios, que allivio te dê:

Trovador qu'entre sonhos deliras,  
E em lobrego carcere expiras,  
Que offrece a cidade a teu estro, na dôr;  
Quando vês que o afan te consume,  
Sem gosar nem rumor, nem perfume,  
Qu'a angustia te mude em effluvis d'amor:

Marinheiro que longe do mundo  
Vaes vogando no mar iracundo,  
Que mais d'uma rude tormenta açoitou;  
Vendo todo perdido o teu morte,  
A teus pés fundo abysmo de morte,  
Que abrir-te, implacavel, a sina intentou:

Não ouvis meu cantar mysterioso,  
Que nas azas um vento amoroso  
Conduz ao deserto, ás montanhas, ao mar?  
Vinde, oh! vinde! a meu reino ignorado;  
Saberei vosso peito abrasado  
Encher de ternura, de goso embriagar!

Sou sultana, que vive entre rosas.  
Entre brisas d'amor deleitosas,  
Co'a fronte cingida de prata e rubim;  
Respirando este puro ambiente,  
D'amor á minha lei obediente,  
Que aos pés me depõe um thesouro sem fim!

Sou rainha que vive entre amores,  
Em alcaçar de luz e de flores,  
Que banham arroyos, luzente cristal;  
D'onde sonham de noite e de dia  
Os concertos que, em vaga harmonia,  
M'offrecem os genios d'um reino oriental!

Sobre alfombra de roxos craveiros,  
Assombrada d'altivos loireiros,  
De rosas ornada, de niveo jasmim,  
Se alevanta o excelso meu paço,  
Qu'illumina em o fulgido espaço  
Um sol, que a meus olhos não tem nunca fim!

Em meus hortos que aromas rescendem,  
Em arrulhos as azas estendem  
As pombas saudando d'aurora o rubor;  
E essa luz, que do ceo se propaga,  
Qu'escandece, qu'excita, embriaga,  
A scena illumina, pomposa d'amor!

Como sulcos de liquida prata,  
Que do ceo vagas tintas retrata,  
Ribeiros murmuram em brando correr,  
E na margem qu'esmaltam as flores  
Soltas aves, alegres de côres  
Prerompem em trinos d'infundo prazer!

Pela chuva nocturna orvalhada  
Toutinegra alardea extremada,  
Explendidas galas ao brilho do sol;  
E humilhado, escondendo a plumagem,  
Canta occulto na verde folhagem  
O melro sentido, gentil rouxinol!

Aqui livre d'insanos pezares,  
Vem soltar seus moiriscos cantares  
Donzella garrida, fornido zagal;  
E a bailarem na tarde calmosa.  
Ao compasso de fruta maviosa,  
Com doce abandono, com goso immortal!

Aqui chega a formosa murciana,  
A de bocca de per'las, qu'emana  
Perfumes no halito... e talhe gentil,  
A inflamar com olhar refulgente  
Terno amante, que em extasi ardente,  
Qual sol a contempla que raia em Abril!

Vinde, oh! vinde, almas ternas, amantes,  
Que d'amor com canções delirantes  
Vos brindo em meus braços, sublime paixão!  
Em meu seio poisae vossa frente,  
Respirae o balsamico ambiente,  
Que emanam meus hortos, que um eden vos dão!

Olvide as estereis caminhos  
D'esse mundo crivado d'espinhos,  
Que magoas só brota no peito, e a dôr!  
Sim, fugi... que em meu reino encantado  
Achareis esse eden sonhado,  
Jardim de deleites, prazeres, d'amor!...

H. VAN-DEITERS.